

A RODA DO MATE COMO PRÁTICA PEDAGÓGICA: ORALIDADE, CULTURA GAÚCHA E ALFABETIZAÇÃO

Betina Raquel Friedrich Leidens¹
Maria Elisabete Bersch²

RESUMO

Este resumo relata uma experiência decorrente do desenvolvimento de uma oficina literária realizada por um grupo do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), do qual faço parte. A atividade foi desenvolvida no âmbito do PIBID/CAPES, na Universidade do Vale do Taquari, e possibilitou uma abordagem criativa, sensível e reflexiva acerca dos desafios do ensino da leitura e da escrita nos anos iniciais do Ensino Fundamental. Ao longo do semestre, o projeto promoveu a contação de histórias e a realização de atividades relacionadas, envolvendo turmas da Educação Infantil e do primeiro ano do Ensino Fundamental. A oficina aqui relatada ocorreu no mês de setembro, período significativo para as tradições gaúchas. Nessa ocasião, os estudantes tiveram contato com a muda da erva-mate, de diferentes formatos. Articuladas a referenciais teóricos, ressaltou a importância da valorização da identidade local, do compartilhamento de experiências e da oralidade no processo de alfabetização. Conforme Freire (1996), a educação deve partir da realidade dos sujeitos, valorizando seus saberes, sua cultura e suas experiências de vida, sendo o diálogo e a escuta elementos centrais para a construção do conhecimento. Além disso, a oralidade se configura como um eixo fundamental da alfabetização, pois possibilita o desenvolvimento da linguagem, da expressão, da escuta atenta e da construção de sentidos, elementos que antecedem e sustentam a aprendizagem da leitura e da escrita. A roda do mate possibilitou a observação de símbolos da cultura gaúcha e momentos de diálogo nos quais os estudantes compartilharam conhecimentos prévios e experiências pessoais. A atividade ultrapassou o tempo previsto devido ao envolvimento dos participantes, evidenciando como narrar, escutar e dialogar promove prazer além de contribuir para a preservação das tradições culturais no cotidiano de famílias rio-grandenses.

Palavras-chave: Alfabetização, Tradição Gaúcha, Oficina literária.

INTRODUÇÃO

A formação inicial de professores envolve a articulação entre teoria e prática, fundamental para o desenvolvimento de competências pedagógicas. Nesse contexto, programas de iniciação à docência, como o Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à

¹ Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade do Vale do Taquari – Univates; betina.leidens@universo.univates.br;

² Doutora em Educação, docente dos cursos de Licenciatura na Universidade do Vale do Taquari - Univates, bete@univates.br



Docência (PIBID), desenvolvido pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), possibilitam aos estudantes vivenciar o cotidiano escolar e refletir sobre os processos de ensino e de aprendizagem.

O presente artigo apresenta um relato de experiência vivenciado com turmas da Educação Infantil, níveis A e B, e também com uma turma do 1º ano do Ensino Fundamental de uma escola municipal parceira do PIBID. Nessa instituição foram realizadas diversas ações pedagógicas, incluindo momentos de observação, monitoria, regência e participação em reuniões de pais e professores, oportunizando o envolvimento da acadêmica com o ambiente escolar e o fortalecimento do vínculo com a comunidade educativa.

Dentre as diversas ações desenvolvidas pelo grupo de pibidianas, tanto de forma individual quanto coletiva, junto à escola parceira, destaca-se a elaboração, organização e aplicação do Projeto “*Histórias em Cena: Navegando no Mundo da Imaginação*”. O Projeto foi construído coletivamente, sendo desenvolvido na escola por meio de práticas realizadas em trios. A proposta, organizada ao longo do ano de 2025, teve como objetivo, ampliar o letramento literário e o repertório cultural, bem como contribuir para com o processo de alfabetização das crianças a partir da contação de histórias e de oficinas temáticas.

Entendemos por letramento literário, em sua dimensão mais ampla, a capacidade de se envolver com textos literários — como histórias, poemas e contos. Mais do que saber ler, é compreender e interpretar a história, atribuindo sentidos aos textos lidos. Nesse sentido, Graça Paulino (1999) compreende o letramento literário como uma forma de apropriação individual das práticas de leitura e escrita que ultrapassam o espaço escolar, ainda que a escola desempenhe um papel fundamental nesse processo. Ao apropriar-se das práticas de leitura e escrita que perpassam a sociedade, a criança amplia a habilidade de ler e compreender o mundo. A partir dessa perspectiva, torna-se essencial que a escola não apenas selecione cuidadosamente os textos oferecidos aos estudantes, mas também reflita sobre as estratégias utilizadas para incentivar a leitura e sobre a maneira como os estudantes se envolvem com essas práticas.

Além disso, entendemos que o letramento literário contribui significativamente para a alfabetização, pois amplia o processo de aprendizagem da leitura e da escrita para além da simples decodificação de palavras. Ao entrar em contato com textos literários, as crianças desenvolvem a imaginação, o vocabulário, a compreensão e o interesse pela leitura, aspectos



essenciais para se tornarem leitoras competentes, portanto, ao integrar práticas de leitura literária no contexto escolar, promove-se uma alfabetização mais rica, crítica e socialmente significativa.

Considerando a importância da literatura para o processo de alfabetização, ao longo do projeto foram realizados momentos de contação de histórias, seguidos de oficinas temáticas relacionadas à narrativa apresentada. Essas atividades tiveram como objetivo retomar a história e desenvolver diferentes práticas pedagógicas voltadas ao processo de alfabetização, estimulando a imaginação, a linguagem e o interesse pela leitura.

Entendemos, ainda, que práticas pedagógicas que valorizam a leitura, o diálogo e a participação ativa dos estudantes estão em consonância com a perspectiva educativa defendida por Paulo Freire em sua obra *Pedagogia da Autonomia* (Freire, 1996), na qual o autor destaca que ensinar exige respeito aos saberes dos educandos, criatividade e a construção de conhecimento de forma colaborativa. A proposta do Projeto “Histórias em Cena: Navegando no Mundo da Imaginação” buscou proporcionar momentos de interação, escuta e participação ativa das crianças por meio da contação de histórias e das oficinas temáticas. Ao incentivar a imaginação, o diálogo e a expressão das crianças, as atividades objetivaram contribuir para um processo de aprendizagem mais participativo e significativo, valorizando o estudante como sujeito ativo na construção do conhecimento, e a leitura enquanto uma das linguagens por meio das quais o sujeito se coloca em conexão com o mundo e consigo próprio.

Neste texto apresento um recorte do projeto, mais especificamente a prática realizada no mês de setembro, em que foi abordada a temática da Cultura Gaúcha, em referência à Semana Farroupilha, marco histórico e cultural do Rio Grande do Sul.

No contexto do processo de alfabetização, é importante considerar também as contribuições de Emilia Ferreiro e Ana Teberosky, no livro *Psicogênese da Língua Escrita* (1985). As autoras defendem uma perspectiva construtivista da aprendizagem da leitura e da escrita, considerando que a aquisição da linguagem escrita ocorre de forma progressiva, a partir das hipóteses que as crianças constroem sobre o sistema e as práticas de escrita que permeiam as culturas. Neste sentido, é fundamental que a escola oportunize a exploração de múltiplas práticas com leitura e escrita, despertando a curiosidade e o interesse dos alunos. Desde muito cedo, seja em casa ou na Educação Infantil, as crianças têm os primeiros



contatos com materiais escritos, estabelecendo as primeiras inferências sobre as relações entre oralidade e escrita. Ampliação de vocabulário, a percepção da função comunicativa da linguagem, o desenvolvimento da consciência fonológica, são exemplos de construções realizadas pelas crianças pequenas a partir da linguagem oral que contribuem muito para com o processo de alfabetização. Nesse sentido, atividades como a contação de histórias e as oficinas temáticas realizadas no projeto “*Histórias em Cena: Navegando no Mundo da Imaginação*” buscaram proporcionar oportunidades para que as crianças se apropriem da linguagem escrita e oral de maneira lúdica e significativa, favorecendo o desenvolvimento da alfabetização inicial e a construção de competências comunicativas, em consonância com a abordagem de Ferreiro e Teberosky (1986).

METODOLOGIA

Esta seção apresenta os caminhos metodológicos adotados para o desenvolvimento das práticas pedagógicas realizadas no âmbito do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID). O relato de experiência privilegia a descrição e análise das ações pedagógicas, considerando a interação com os estudantes, o planejamento das atividades e os resultados observados, garantindo documentação ética e responsável, incluindo o respeito ao direito de uso de imagens das crianças.

Com o objetivo de contribuir para o letramento literário das crianças, o projeto “*Histórias em Cena: Navegando no Mundo da Imaginação*” foi organizado a partir da contação de três histórias infantis, contemplando as temáticas Cultura Gaúcha, Dia das Crianças e Consciência Negra. No que se refere à temática da Cultura Gaúcha, trabalhou-se a obra “Os Músicos de Bagé”, pertencente à coleção Reino Grande do Sul. A narrativa foi apresentada de forma teatralizada, porém com o uso do livro físico, articulada com oficinas pedagógicas, como a roda do mate e a exploração dos símbolos gaúchos, promovendo a valorização da cultura regional e a ampliação do repertório cultural das crianças. No mês de outubro, em alusão ao Dia das Crianças, a obra selecionada foi “O circo da lua”, de Eva Furnari, a qual trouxe uma abordagem lúdica e imaginativa. A contação ocorreu de forma oral, com o uso de objetos simbólicos e personagens característicos. Como desdobramento, foram realizadas oficinas que envolveram a produção de massinha de modelar caseira e atividades com jogos de rimas, favorecendo o desenvolvimento da linguagem e da criatividade. Por fim, o projeto terminou com a obra “O espelho de Lelê”, de Valéria Belém, contemplando a temática da Consciência Negra. A contação foi realizada por meio de fichas



organizadas em um varal, possibilitando uma experiência visual e interativa. As atividades propostas incluíram a oficina “caras e bocas” diante do espelho, jogo de bingo com palavras de origem africana e pinturas corporais, promovendo além de tudo, a valorização da identidade, da diversidade e da cultura afro-brasileira.

No mês de setembro a escola parceira aborda, entre os temas de estudo, aspectos da cultura do Rio Grande do Sul, por isso, foi selecionada a história “*Os Músicos de Bagé*”. A narrativa é uma adaptação da fábula “Os Músicos de Bremen” para o contexto da cultura gaúcha. Para despertar a curiosidade e ambientar as crianças no tema, as pibidianas vestiram trajes típicos gaúchos, promovendo uma vivência cultural e pedagógica significativa. Essa prática não apenas estimulou o interesse das crianças pela narrativa, mas também possibilitou o contato com elementos culturais regionais, integrando aprendizagem, identidade local e valorização das tradições dentro do processo educativo.

Na semana seguinte, foram realizadas as oficinas temáticas, nas quais a história foi retomada, explorando a oralidade, a memória e as percepções curiosas das crianças. Em seguida, os estudantes foram divididos em grupos menores para participar das oficinas planejadas para cada turma. Em um dos grupos, as crianças participaram de uma roda de conversa, realizando observações e desenhos relacionados aos símbolos gaúchos, enquanto outro grupo, organizou-se em uma roda de chimarrão, promovendo a vivência prática e o contato com elementos da cultura regional. Essas atividades possibilitaram que as crianças explorassem conteúdos culturais de forma lúdica, participativa e significativa, integrando aprendizado, socialização e valorização da identidade local.

Para as oficinas, o ambiente escolar foi previamente organizado com elementos simbólicos representativos da cultura gaúcha, dentre os quais se destacam a bandeira rio-grandense, trajes típicos, botas, chapéu, cuia, erva-mate, muda de *Ilex paraguariensis*, chá de macela, a representação do pássaro quero-quero e um cavalo de pelúcia. No centro da sala, foi organizada uma mesa redonda circundada por cadeiras, sobre a qual foram disponibilizados recipientes contendo lápis de cor e canetinhas. Tal ambientação teve como finalidade promover a aproximação dos estudantes com elementos da cultura regional, estimular a curiosidade, favorecer a exploração sensorial e incentivar a participação ativa, configurando-se como uma estratégia pedagógica que articula ludicidade, cultura e aprendizagem significativa, em consonância com as diretrizes estabelecidas pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC) para a Educação Infantil e os Anos Iniciais do Ensino Fundamental.



Adicionalmente, em outro ponto da sala, foi estruturado um segundo espaço destinado à organização dos estudantes em círculo, ao redor de uma cuia de chimarrão previamente preparada, acompanhada de uma muda de *Ilex paraguariensis* e de uma garrafa térmica contendo água morna, oportunizando a degustação do chimarrão.

No primeiro momento, procedeu-se à retomada oral da obra *Os Músicos de Bagé*, com ênfase em suas características narrativas, articulando-a aos estudos desenvolvidos nos dias anteriores acerca da cultura gaúcha, os quais foram conduzidos pelas professoras titulares das turmas.

Na sequência, as crianças foram organizadas em dois grupos, sendo cada um deles acompanhado por pibidianas. No primeiro espaço, as pibidianas foram responsáveis por conduzir a apreciação dos símbolos da cultura gaúcha, bem como por promover a ativação dos conhecimentos prévios dos estudantes. Os participantes puderam selecionar os símbolos com os quais mais se identificavam, a fim de representá-los por meio de desenho, utilizando, para tanto, pedaços de madeira ou folhas de papel sulfite A4, conforme sua preferência. Para a realização da atividade, foram disponibilizados lápis de cor e canetinhas.

Imagem 1: Produções das crianças



Fonte: Arquivos do projeto

Durante esse momento, as crianças tiveram a oportunidade de interagir diretamente com os símbolos, deslocando-se até eles sempre que desejassem observá-los mais de perto, explorá-los e identificar suas características. Ademais, foi assegurada a liberdade de diálogo entre os participantes, favorecendo o desenvolvimento da autonomia, da oralidade e da espontaneidade no processo de aprendizagem.



No segundo espaço, as crianças observaram a muda de *Ilex paraguariensis*, bem como a cuia, a bomba e a erva-mate moída, sendo incentivadas à apreciação desses elementos. Os estudantes tiveram a oportunidade de explorar sensorialmente a erva-mate, por meio do olfato e do paladar, ao cheirá-la, tocá-la e encostá-la na língua, além de degustarem o chimarrão.

Imagem 2: Roda de chimarrão



Fonte: arquivos do projeto

Adicionalmente, foram promovidos momentos de diálogo acerca dos materiais utilizados no preparo e consumo do chimarrão, como a cuia de porongo e a bomba de inox, contribuindo para a ampliação do repertório linguístico dos estudantes por meio da introdução e valorização de novos vocábulos. Nesse contexto, realizou-se, ainda, o relato da lenda da erva-mate, de origem indígena, favorecendo a aproximação dos estudantes com aspectos históricos e culturais vinculados à temática.

Durante esse momento, foi oportunizado aos participantes compartilhar, por meio da oralidade, experiências previamente vivenciadas em outros contextos, inclusive fora do ambiente escolar. Muitos relataram a participação em rodas de chimarrão no âmbito familiar, envolvendo familiares e amigos.

A degustação do chimarrão ocorreu de forma espontânea e respeitando a individualidade dos estudantes, de modo que, inicialmente, alguns optaram por não experimentar; entretanto, ao final da atividade, demonstraram interesse e solicitaram a oportunidade de também provar a bebida.



Ambas as propostas tiveram duração aproximada de 10 minutos, sendo realizada a posterior troca dos grupos entre os espaços, de modo a oportunizar a todos os estudantes a vivência integral das experiências propostas na oficina. Ao final, as crianças foram convidadas a compartilhar suas impressões acerca das práticas desenvolvidas, manifestando também suas expectativas em relação ao próximo encontro com as pibidianas.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O tema “Cultura Gaúcha”, escolhido para o mês de setembro, foi pensado com o objetivo de evidenciar a riqueza da nossa terra, destacando suas principais características. Nas turmas, observa-se que a maioria das crianças é natural do Rio Grande do Sul; no entanto, a escola conta também com um número significativo de estudantes imigrantes haitianos e alguns oriundos de outros estados do Brasil. Essa diversidade possibilitou perceber, de forma muito rica, a presença multicultural no ambiente escolar da escola parceira.

Algumas crianças relataram, por exemplo, o hábito de, desde muito pequenas, observarem seus familiares reunidos tomando chimarrão, prática bastante presente na cultura local. Em contrapartida, os estudantes imigrantes ainda não estavam habituados a esse costume típico do sul do país. Apesar dessas diferenças, todos participaram das atividades com curiosidade e entusiasmo.

Durante as interações, algumas crianças mencionaram que costumavam consumir o mate doce, com açúcar e bastante “chazinho”, evidenciando uma variação no modo de preparo e consumo da bebida, que também reflete a diversidade de práticas culturais existentes na região. Nenhum dos estudantes conhecia a muda da erva-mate, sendo que a observação do pé, dos galhos e das folhas despertou grande curiosidade. Esse momento possibilitou questionamentos e interesse em compreender como a folha é processada até se transformar na erva moída que adquirimos em pacote para o preparo do mate.

Além disso, as próprias crianças incentivaram umas às outras a experimentar o chimarrão, destacando, conforme suas falas, que mesmo sem açúcar a bebida era “muito gostosa”. A espontaneidade e o engajamento demonstrados por elas contribuíram significativamente para estimular aquelas que, em um primeiro momento, demonstravam resistência em provar.



Também emergiram relatos mais introspectivos e reflexivos, nos quais algumas crianças, ao explicarem que em sua casa não se costumava fazer roda de chimarrão, mencionaram situações como a separação dos pais, a diferença de horários em função da rotina de trabalho, bem como o nascimento de um irmão, o que no momento demandava maior atenção e organização familiar. Por outro lado, outras crianças compartilharam lembranças afetivas de momentos vividos com os avós, como tomar chimarrão e comer pipoca próximo ao fogão a lenha, evidenciando vínculos familiares significativos associados a práticas culturais. Assim, foi possível identificar não apenas a valorização do chimarrão como elemento cultural, mas também a presença de diferentes influências étnicas, como italiana, africana, indígena e alemã, que contribuem para a construção da identidade cultural local.

Tanto na roda do mate quanto no espaço de desenho, as crianças foram constantemente estimuladas a dialogar, experimentar e interagir entre si. Nesse processo, as pibidianas atuaram como mediadoras das aprendizagens, orientando as atividades e incentivando a participação ativa, sempre buscando promover o bem-estar do grupo e favorecer situações significativas de aprendizagem para os estudantes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo das atividades, foi possível observar que os estudantes participaram de forma engajada das proposições, demonstrando interesse pelas atividades desenvolvidas e curiosidade em relação às próximas ações, o que evidencia a relevância e a coerência das práticas adotadas no contexto das intervenções realizadas pelo grupo de pibidianas e pelas professoras orientadoras.

Compreendo que o processo de alfabetização requer o respeito ao ritmo de aprendizagem de cada sujeito, sendo essencial que as práticas pedagógicas estejam articuladas à faixa etária, aos interesses e às experiências socioculturais das crianças. Nessa perspectiva, entendo a alfabetização como um processo contínuo, que não se limita à decodificação do sistema de escrita, mas envolve a construção de sentidos, a inserção nas práticas sociais de leitura e escrita e o desenvolvimento da linguagem em suas múltiplas dimensões.

A partir disso, considero que propostas que privilegiam a ludicidade e a oralidade, especialmente nas etapas iniciais do processo de alfabetização, contribuem significativamente para a consolidação das aprendizagens. Essas práticas possibilitam interações com diferentes gêneros discursivos, ampliam o repertório linguístico e favorecem a reflexão sobre a língua



em uso. Além disso, estimulam a participação ativa dos estudantes, promovem a autonomia e fortalecem o desenvolvimento integral, articulando aspectos cognitivos, sociais e afetivos.

Destaco que as atividades desenvolvidas, especialmente aquelas relacionadas à roda do mate, possibilitaram a integração de elementos da cultura gaúcha ao contexto pedagógico, promovendo a valorização dos saberes culturais e das identidades locais. A roda do mate mostrou-se uma prática social significativa, favorecendo a oralidade, o diálogo, a escuta e a troca de experiências entre as crianças, constituindo-se como um recurso pedagógico relevante no processo de alfabetização. Dessa forma, a articulação entre cultura, oralidade e práticas sociais de linguagem contribui para tornar o ensino mais significativo e contextualizado.

Para finalizar, ressalto que me encontro no último semestre do curso de graduação em Pedagogia, pela Universidade do Vale do Taquari (Univates), e a experiência do PIBID tem contribuído para a construção da minha formação docente e para a aproximação com a realidade da prática pedagógica.

AGRADECIMENTOS

Desejo expressar, inicialmente, os mais sinceros agradecimentos às professoras orientadora Maria Elisabete Bersch e supervisora Gisele Fontaniva, que acompanharam de forma constante o desenvolvimento das pibidianas, orientando as aprendizagens e mediando as práticas pedagógicas por meio de contribuições fundamentadas teoricamente. Registro, igualmente, o reconhecimento às colegas pibidianas, pela parceria, colaboração e construção coletiva ao longo das atividades desenvolvidas.

Agradeço às professoras titulares da escola parceira, que abriram suas portas com acolhimento, afeto e respeito, possibilitando a inserção e a realização das práticas no cotidiano escolar. Por fim, ressalto o protagonismo das crianças, principais sujeitos deste processo, que, com carinho e participação, possibilitaram o desenvolvimento de experiências significativas nos motivando a buscar continuamente qualificação e aprimoramento das ações pedagógicas.

REFERÊNCIAS



BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular** (BNCC). Brasília: MEC, 2018. Disponível em: <https://basenacionalcomum.mec.gov.br/abase/> Acesso em 15 mar de 2026.

CÔRTEZ, João Carlos Paixão. **O gaúcho: danças, trajes, artesanato**. Porto Alegre: Garatuja, 1985.

CORRÊA, Hércules Tolêdo. **Letramento literário: concepções e práticas**. São Paulo: Pimenta Cultural, 2023.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FERREIRO, Emilia; TEBEROSKY, Ana. **Psicogênese da Língua Escrita**. Porto Alegre: Artmed/Artes Médicas, 1985.

RIO GRANDE DO SUL. Secretaria de Estado da Educação. **Referencial Curricular Gaúcho**. Porto Alegre: SEDUC/RS, 2018.

VYGOTSKY, Lev S. **Pensamento e linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

